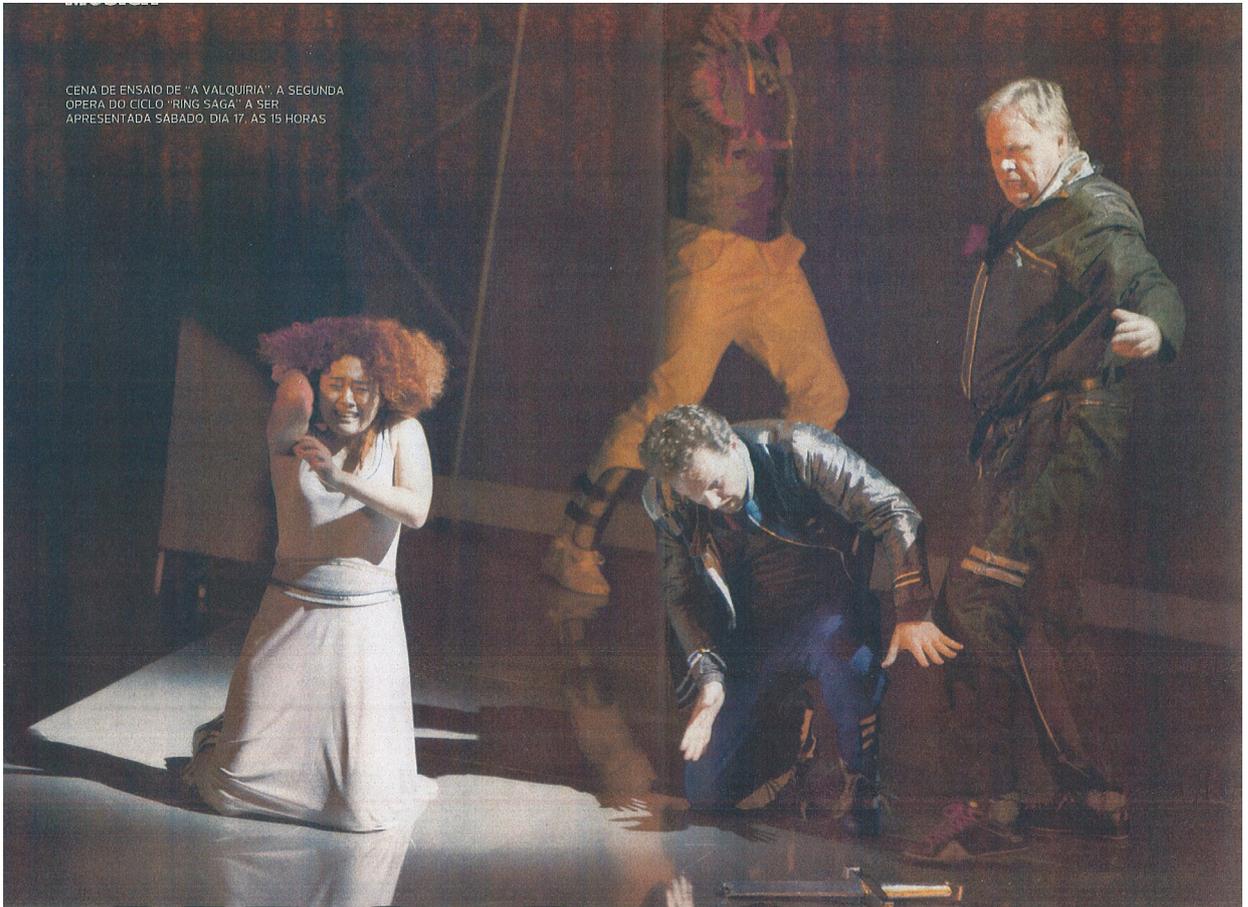


CENA DE ENSAIO DE "A VALQUIRIA", A SEGUNDA  
OPERA DO CICLO "RING SAGA" A SER  
APRESENTADA SÁBADO, DIA 17, ÀS 15 HORAS



# NAS GARRAS DE WAGNER

Durante o próximo fim de semana, a Casa da Música organiza um festival cénico inspirado no espírito wagneriano. A "Ring Saga" permite assistir em sequência às versões de "O Ouro do Reno", "A Valquíria", "Siegfried" e "Crepúsculo dos Deuses"

Texto Valdemar Cruz || Fotos Rui Duarte Silva

**A ideia** é em si mesma chocante. Quatro óperas concentradas num mesmo fim de semana. A duração original do ciclo reduzida de 15 para nove horas. A habitual orquestra gigantesca substituída por um *ensemble* de 19 músicos. Uma sala de concertos construída sem fosso de orquestra transformada em espaço operático. Um pequeno palco com duas plataformas inclinadas e um ecrã em fundo delimita com rigor a área onde podem movimentar-se os cantores. Wagner adorava a grandiosidade de desmesurada dos feitos na aparência impossíveis. Para isso trabalhou durante décadas até concluir “O Anel do Nibelungo” e ter em Bayreuth a sua própria casa de ópera, que lhe dava a ilusão de uma onipotência cultural. A proposta da Casa da Música para o próximo fim de semana, com a apresentação da “Ring Saga”, a versão do “Anel” de Jonathan Dove e Graham Vick montada nos anos de 1990 em Birmingham, constitui um momento raro. Subverte Wagner, embora com a preocupação de não o atraí-lo. Mesmo se afastada da esmagadora grandiosidade wagneriana, a “Ring Saga” corporiza um desafio aliciante por se manter fiel à ideia de forçar e vencer as impossibilidades aparentes. Entre a noite da próxima sexta-feira, dia 16, e o final da tarde de domingo, dia 18, desaguarão naquela espécie de caixa mágica carregada de alegorias deuses transformados em gente comum cujas ações provocam grandes feitos, pequenas vinganças, nobres gestos, inesperadas traições, sórdidos adultérios, amores desconfiados, feridos por violações, incestos e o mais capaz de ser gerado nos caminhos das infinitas lutas pelo poder.

De resto, é a partir da constatação de uma ausência de poder que, no outono de 2004, durante uma conversa num final de tarde portuense, surge o desejo de um dia retomar o modelo wagneriano de festival cénico, de modo a conseguir reunir as quatro óperas do ciclo num único fim de semana. Os protagonistas daquele diálogo, então remetido para o baú das imaginárias impossibilidades, são hoje três elementos cruciais para a concretização do projeto. Um, António Jorge Pacheco, é agora o diretor artístico da Casa da Música. Outro, Antoine Gindt, diretor-geral do ateliê Théâtre et Musique (T&M), de Paris, é o responsável pela encenação e produção de “Ring Saga”. O outro, Peter Rundel, é o maestro do Remix Ensemble, agrupamento que terá a responsabilidade de acompanhar toda a digressão, primeiro no Porto, depois em Estrasburgo, Cité de la Musique, em Paris, Théâtre de Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Opera de Reims.

A pouco mais de uma semana da estreia, Antoine é um homem tranquilo. Dirige na Casa da Música a fase final dos ensaios iniciados há mais de um ano e, confessa, também desse ponto de vista, “tudo isto é uma saga, porque muita coisa se passou entretanto, mas manteve-se a constante de tentar construir um espetáculo coerente”. Todos estão cientes dos perigos inerentes a uma montagem que pressupõe interferir na estrutura de uma obra-prima absoluta, marcada por uma

## MÚSICA

fortíssima unidade conceptual. Os puristas falam em sacrilégio, só de pensarem na ideia de alguém se atrever a fazer cortes nos libretos de 'A Valquíria' ou em 'Siegfried'. Antoine Gindt é sensível ao argumento, mas, tal como António Jorge Pacheco, também ele sustenta que só as grandes criações artísticas são suscetíveis de passarem por estes desafios e ainda assim resistirem. Os cortes, diz, foram cirúrgicos e metódicos. Houve a preocupação de conseguir uma grande economia através da eliminação das frequentes repetições de algumas situações. Assim, só aparece uma das três questões colocadas por Wanderer a Mime em 'Siegfried'. Como explica Antoine, "atinge-se o mesmo resultado sem se passar por todo o desenvolvimento retórico dessa cena". A cena das Nornas em 'O Crepúsculo dos Deuses' é suprimida, por redundante. Em todo o caso, prossegue, "os cortes respeitam a narrativa". Além disso, o próprio trabalho cénico, com os múltiplos recursos a tecnologias contemporâneas, permite dar uma outra dimensão a elementos que porventura não estariam tão explícitos no libreto. Como a vida é sempre feita de escolhas, Antoine assume que alguns cortes "são mais complicados de gerir, como por exemplo a ausência dos vassalos, os coros no Crepúsculo, o que implica uma reorganização da relação entre Hagen, Brünnhilde, Gunther, Siegfried e Guttrune. Sem o recurso aos vassalos, é necessário imaginar um aparato dramaturgício que lhe confira coerência".

Quando se conhece bem a versão integral, podem surgir grandes perplexidades face aos cortes feitos, mas, insiste Antoine, "temos de perceber que haverá sempre na plateia pelo menos dois tipos de público: o que conhece bem as óperas e aquele que vai descobrir Wagner. O que é interessante é constatar que uma música que conhecemos, por vezes até muito bem, pode ser apresentada de uma forma diferente". Um aspeto relevante salientado pelo encenador remete para os libretos originais, no sentido em que seria impossível conceber esta versão sem um conhecimento aprofundado do conjunto das quatro óperas na sua integralidade. Essa dimensão do conhecimento é transportada também para os cantores, "que, na construção das suas personagens, não podem deixar de ter em conta tudo quanto é conhecido e pode estar ausente do libreto da 'Ring Saga'".

António Jorge Pacheco fala do culto de Wagner e da sacralização a que muitas vezes as suas obras são submetidas. Afinal, nele tudo era gigantesco, como se viu em 1876, quando presidiu à abertura da sua casa de ópera para a primeira apresentação completa das quatro partes de "O Anel do Nibelungo". Estavam presentes os imperadores da Alemanha e do Brasil, o rei da Baviera, uma dúzia de grandes duques, duquesas, príncipes e princesas, que

assistiram às récitas com grandes compositores, como Liszt, Tchaikovsky, Grieg e Gounod, além de jornalistas de todo o mundo. A estreia foi, durante três dias, tema de primeira página do "The New York Times".

Na Casa da Música, transformada ao ponto de o palco ter sido subido de forma a ser criada a aparência de um fosso de orquestra, Antoine Gindt criou um dispositivo cénico destinado a resolver vários problemas ao mesmo tempo. Por um lado, molda-se o bastante para aguentar a sucessão das quatro óperas. Por outro lado, tem a leveza e a maleabilidade suficientes para poder funcionar numa digressão. A dimensão fantástica, diz, "é muito assegurada pela imagem, mas também pelo modo como se dispõem as rampas". O espaço visual do palco é ocupado por duas plataformas inclinadas, separadas uma da outra. Por aquela



PETER RUNDEL É O MAESTRO DO REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA, O AGRUPAMENTO DE TODA A DIGRESSÃO DA "RING SAGA"

espécie de caixa em que a luz tem um papel decisivo, evoluem os cantores. É um espaço na aparência reduzido, mas que se torna virtualmente infinito graças às inventivas soluções cénicas encontradas. Quem reparar bem nos espaços abertos entre e sob as plataformas, perceberá que a cena não é exatamente apenas o que está em cena. Depois, há ali alguns códigos estabelecidos. O espaço entre as duas plataformas serve para a entrada e saída de adereços. A saída e entrada dos cantores faz-se pela parte traseira, enquanto os mortos saem pelos lados. Tal como foi imaginado por Wagner, "O Anel do Nibelungo" abre caminho para a apresentação de uma parafernália de símbolos, espadas, anéis, cenas de feitiçaria, tudo concentrado num mundo imaginário que ao longo dos tempos permitiu as mais díspares leituras, desde as mais progressistas às visões mais reacionárias. Antoine assegura não ter pretendido reinventar Wagner ou a "Ring Saga". "Não tenho a pretensão de dar uma versão para a história", mesmo se até nesta leitura a questão do poder está sempre presente, nem que seja "para se concluir que o poder não serve para nada". ▴

vcruz@expresso.impresa.pt